

**Discurso do Sr. Draghi – Apresentação do relatório sobre o futuro da competitividade europeia – Parlamento Europeu – Estrasburgo – 17 de setembro de 2024**

Prezada Senhora Presidente, Excelentíssimos membros do Parlamento Europeu, Prezado Vice-Presidente Executivo da Comissão Europeia,

Permitam-me começar dizendo que me sinto muito honrado com o convite para lhes dirigir a palavra nesta sessão plenária de hoje.

E gostaria de agradecer à Presidente do Parlamento Europeu, Roberta Metsola, por este convite e pelo seu apoio contínuo ao meu trabalho.

Permitam-me também agradecer aos representantes dos grupos políticos que tive o prazer de conhecer há algumas semanas. Nossa troca de ideias foi ampla, franca, frutífera e contribuiu decisivamente para moldar meu pensamento enquanto eu estava finalizando o relatório.

Na semana passada, apresentei este relatório sobre o futuro da competitividade da Europa à presidente da Comissão Europeia.

O ponto de partida é que a Europa se depara com um mundo em profunda transformação. O comércio mundial está desacelerando, a geopolítica está se fraturando e a mudança tecnológica está se acelerando.

É um mundo onde modelos de negócios há muito estabelecidos estão sendo desafiados e onde algumas dependências econômicas importantes estão de repente se transformando em vulnerabilidades geopolíticas.

De todas as principais economias, a Europa é a mais exposta a essas mudanças. Somos os mais abertos: nossa relação comércio-PIB excede 50%, em comparação com 37% na China e 27% nos Estados Unidos.

Somos os mais dependentes: dependemos de um pequeno número de fornecedores para matérias-primas críticas e importamos mais de 80% de nossa tecnologia digital.

Temos os preços mais altos da energia: as empresas da UE enfrentam preços de eletricidade que são 2-3 vezes mais altos do que nos Estados Unidos e na China.

Estamos muito atrasados em novas tecnologias: apenas quatro das 50 maiores empresas de tecnologia do mundo são europeias.

E somos os menos prontos para nos defender: apenas dez Estados-Membros gastam o equivalente a pelo menos 2% do PIB em defesa, de acordo com os compromissos da OTAN. Nesse cenário, estamos todos ansiosos com o futuro da Europa. Minha preocupação não é que de repente nos vejamos pobres e subordinados aos outros. Ainda temos muitos pontos fortes na Europa.

É que, com o tempo, nos tornaremos inexoravelmente menos prósperos, mais desiguais, menos seguros e, como resultado, menos livres para escolher nosso destino.

A União Europeia existe para garantir que os valores fundamentais da Europa sejam sempre mantidos: democracia, liberdade, paz, equidade e prosperidade em um ambiente sustentável.

Se a Europa não puder mais assegurar esses valores à sua população, ela terá perdido sua razão de ser.

Portanto, este relatório não é apenas sobre competitividade - é sobre o nosso futuro e o compromisso comum de que precisamos para recuperá-lo.

Os desafios que a Europa enfrenta são complexos e, como tal, nos apresentam escolhas difíceis. Mas são escolhas que devemos enfrentar.

O objetivo deste relatório é estabelecer uma estratégia para a Europa mudar de rumo: identificar as prioridades em que devemos nos concentrar, explicar os dilemas e as escolhas difíceis que enfrentamos e oferecer soluções pragmáticas para resolvê-las.

O relatório identifica três áreas principais para ação.

A primeira visa reduzir a lacuna de inovação com os Estados Unidos e a China.

As empresas da UE gastaram cerca de EUR 270 bilhões a menos em P&D do que suas congêneres dos EUA em 2021, em grande parte porque temos uma estrutura industrial estática dominada pelas mesmas empresas e tecnologias de décadas atrás. Nos últimos vinte anos, as 3 maiores investidoras em P&D na Europa têm sido empresas do setor automotivo. Nos EUA, ocorria o mesmo no

início dos anos 2000, com os setores automotivo e farmacêutico na liderança, mas agora as 3 primeiras são todas empresas de tecnologia.

O principal problema na Europa é que novas empresas com novas tecnologias não estão surgindo em nossa economia. Na verdade, não há nenhuma empresa da UE com uma capitalização de mercado de mais de EUR 100 bilhões que tenha sido criada do zero nos últimos cinquenta anos. Todas as seis empresas dos EUA com avaliações acima de EUR 1 trilhão foram criadas nesse período de tempo.

Essa falta de dinamismo não reflete falta de ideias ou falta de ambição. A Europa está cheia de pesquisadores e empreendedores talentosos. É porque a inovação muitas vezes carece de sinergias e porque não estamos conseguindo traduzir ideias em sucesso comercial. Empresas inovadoras que desejam ganhar escala na Europa são prejudicadas em todas as etapas pela falta de um Mercado Único e de um mercado de capitais integrado, interrompendo por completo o ciclo de inovação.

Como resultado, muitos empreendedores europeus preferem buscar financiamento de investidores de capital de risco dos EUA e ganhar escala no mercado americano. Entre 2008 e 2021, perto de 30% dos “unicórnios” fundados na Europa – ou seja, start-ups que passaram a ser avaliadas em mais de US\$ 1 bilhão – mudaram sua sede para o exterior.

E esses números não incluem os muitos europeus jovens e talentosos que vão estudar nos Estados Unidos e fundam suas empresas lá. É uma grande perda para a nossa economia em termos de empregos e fuga de cérebros.

A lacuna de inovação está na raiz da desaceleração do crescimento da produtividade da Europa em relação aos EUA. Portanto, devemos trazer a inovação de volta à Europa - e o relatório propõe fazê-lo através da reforma de todo o ecossistema de inovação. O primeiro passo é colocar nossas universidades e instituições de pesquisa na fronteira da excelência acadêmica e facilitar a comercialização das ideias dos pesquisadores. Apenas cerca de um terço das invenções patenteadas registradas por universidades europeias são exploradas comercialmente. O próximo passo é incentivar start-ups inovadoras a ganhar escala na Europa, removendo obstáculos regulatórios. Não se trata de desregulamentação: trata-se de garantir o equilíbrio certo entre cautela e inovação e garantir que a regulamentação seja aplicada de forma consistente na Europa.

Uma iniciativa central que propomos é a criação de um novo estatuto jurídico válido em toda a UE: a “Empresa Europeia Inovadora”. Essa condição jurídica proporcionaria imediatamente

às empresas uma identidade digital única, válida em toda a UE, e prevê-se que essas empresas possam então ter acesso a uma legislação harmonizada.

Também pedimos uma revisão profunda de como gastamos dinheiro público em inovação na Europa. Se gastos com sabedoria, os fundos públicos podem ser uma ferramenta poderosa para viabilizar tecnologias revolucionárias. Essas tecnologias geralmente são muito arriscadas ou exigem muito financiamento para que o setor privado as desenvolva sozinho, especialmente em um ambiente como o nosso, onde o aumento de escala é normalmente difícil. No entanto, embora o setor público na UE gaste tanto em inovação quanto os Estados Unidos como proporção do PIB, apenas um décimo desses gastos ocorre no nível da UE. O relatório pede que os gastos da UE em inovação sejam ampliados e refocados em um número menor de prioridades definidas de comum acordo, com uma maior alocação para inovação disruptiva. Em outras palavras, precisamos aumentar a intensidade do financiamento.

O sucesso dessas medidas, por sua vez, dependerá da integração do Mercado Único e dos mercados de capitais da Europa, para que o investimento privado possa ser reorientado para setores de alta tecnologia e a estrutura industrial possa evoluir. Finalmente, uma questão crítica para a Europa será a integração de novas tecnologias como inteligência artificial em nosso setor industrial. A IA está melhorando incrivelmente rápido, como mostram os modelos mais recentes lançados nos últimos dias. Precisamos mudar nossa orientação de tentar restringir essa tecnologia para entender como se beneficiar dela.

O custo de treinamento de modelos de IA de fronteira ainda é alto, o que é uma barreira para empresas na Europa que não têm o apoio de grandes empresas de tecnologia dos EUA. Mas, por outro lado, a UE tem uma oportunidade única de reduzir o custo da implantação da IA, disponibilizando sua rede exclusiva de computadores de alto desempenho.

O relatório recomenda aumentar a capacidade desta rede e expandir o acesso a start-ups e à indústria. Muitas aplicações industriais de IA não exigem os mais recentes avanços em IA generativa, por isso está bem ao nosso alcance acelerar a adoção da IA com um esforço coordenado para apoiar as empresas. Dito isso, o relatório reconhece que o progresso tecnológico e a inclusão social nem sempre andam juntos. As principais transições são disruptivas. A inclusão depende de todos terem as habilidades necessárias para se beneficiar da digitalização.

Portanto, embora queiramos igualar os Estados Unidos em inovação, devemos superar os EUA em educação e aprendizagem de adultos. Propomos, portanto, uma profunda revisão da abordagem da Europa às habilidades, focada no uso de dados para entender onde estão as lacunas de habilidades e no investimento na educação em todas as etapas. Para que a Europa tenha sucesso, os investimentos em tecnologia e em pessoas não podem substituir um ao outro. Devem caminhar juntos.

A segunda área de ação é um plano conjunto de descarbonização e competitividade.

Se as ambiciosas metas climáticas da Europa forem acompanhadas por um plano coerente para alcançá-las, a descarbonização será uma oportunidade para a Europa. Mas se não coordenarmos nossas políticas, existe o risco de que a descarbonização contrarie a competitividade e, em última análise, seja adiada ou mesmo rejeitada. A primeira prioridade é baixar os preços da energia.

Com o tempo, a descarbonização ajudará a mudar a geração de energia para fontes de energia seguras, de baixo custo e limpas. Mas sem um plano europeu, levará muito tempo até que os usuários finais vejam todos os benefícios.

Em 2022, no auge da crise energética, o gás natural determinou o preço da eletricidade em 63% do tempo, apesar de representar apenas 20% da matriz elétrica da UE. Mesmo que nossas metas renováveis sejam atingidas, os combustíveis fósseis ainda definirão os preços da energia por grande parte do tempo pelo menos pelo restante desta década.

Devemos transferir os benefícios da descarbonização mais rapidamente para os europeus, tornando os preços da energia mais baixos e menos voláteis na Europa. E o relatório apresenta um conjunto de - várias iniciativas - para atingir esse objetivo.

Paralelamente, pedimos para avançar com a instalação de energia limpa de forma neutra em termos de tecnologia. Essa abordagem deve incluir energias renováveis, nuclear, hidrogênio, bioenergia e captura, utilização e armazenamento de carbono.

Aumentar o ritmo de licenciamento e aumentar o investimento em redes será a chave - a chave - para desbloquear esse potencial. Caso contrário, até 2040 poderíamos perder até 10 vezes mais geração de energia renovável do que perdemos hoje devido às restrições da rede. Do ponto de vista europeu, o foco deve ser o aumento rápido da implantação de interconexões entre redes elétricas.

A descarbonização também é uma oportunidade para a indústria da UE.

A UE é líder mundial em tecnologias limpas, como turbinas eólicas, eletrolisadores e combustíveis de baixo carbono. Também somos fortes em inovação verde. Mais de um quinto das tecnologias limpas e sustentáveis em todo o mundo são desenvolvidas aqui.

No entanto, não é garantido que aproveitaremos esta oportunidade. A concorrência chinesa está se intensificando, impulsionada por uma poderosa combinação de subsídios, inovação e escala. Até 2030, o mais tardar, espera-se que a capacidade anual chinesa de fabricação de equipamentos solares fotovoltaicos seja o dobro da demanda global, e para células de bateria, espera-se que cubra pelo menos o nível de demanda global.

A Europa enfrenta um dilema. O aumento da dependência da China pode oferecer o caminho mais barato para atingir nossas metas climáticas. Mas a concorrência apoiada pelo Estado chinês representa uma ameaça para indústrias que, de outro modo, seriam produtivas e para a promessa de que a transição verde trará “bons empregos verdes”.

Não seremos capazes de gerenciar esse desafio com soluções simplistas, de tudo ou nada. É por isso que o relatório propõe uma abordagem diferenciada de acordo com setores e tecnologias.

Existem algumas tecnologias, como painéis solares, em que os produtores estrangeiros estão muito à frente e a tentativa de trazer essa produção para a Europa só atrasará a descarbonização. Mesmo que esses países estejam usando subsídios, devemos deixar que os contribuintes estrangeiros financiem a instalação mais barata de energia limpa na Europa.

Existem outros setores, no entanto, onde estamos abertos ao uso de tecnologia estrangeira e à ampliação da entrada de investimento estrangeiro.

Ainda existem outros setores, como baterias, onde não queremos ser totalmente dependentes de tecnologia estrangeira por razões estratégicas e, portanto, é fundamental manter o know-how na Europa. A determinação do valor estratégico deve ocorrer de acordo com critérios rigorosos que evitem a proteção de interesses particulares consolidados.

Finalmente, existem as chamadas “indústrias nascentes”, onde a Europa tem uma vantagem inovadora que precisamos nutrir até que as empresas estejam prontas para competir internacionalmente.

Para ser claro: isso não deve ser lido por ninguém como um apelo a um protecionismo geral. Nossa prioridade é fazer todo o possível para que todos os parceiros cumpram as regras da OMC, incluindo aqueles que atualmente não o fazem. Embora

algumas das propostas do relatório exijam negociações, elas estão, em geral, alinhadas com o espírito dessas regras.

Na medida em que usamos medidas comerciais, elas devem ser cuidadosas, defensivas e especialmente projetadas apenas para garantir condições equitativas de concorrência. Devemos distinguir claramente entre inovação no exterior - o que é bom para a Europa - e a concorrência patrocinada pelo Estado, que prejudica nossos trabalhadores.

As propostas também não devem ser vistas como um programa para defender campeões nacionais ou “escolher vencedores”, como algumas das políticas industriais fracassadas do passado. De fato, o relatório defende o retorno ao regime normal de auxílios estatais, ao mesmo tempo que prevê auxílios estatais para projetos de investimento de interesse comum europeu.

A terceira área de ação é aumentar a segurança e reduzir as dependências.

A paz é o primeiro e mais importante objetivo da Europa, em casa e no exterior. E devemos continuar nesse esforço firme. Mas as ameaças à segurança estão aumentando e devemos nos preparar.

Para que a Europa permaneça livre, devemos ser mais independentes. Devemos ter cadeias de suprimentos mais seguras para matérias-primas e tecnologias críticas. Devemos aumentar a capacidade de produção em nosso território nos setores estratégicos. E devemos expandir nossa capacidade industrial em defesa e espaço.

Mas a independência tem um custo.

Garantir matérias-primas críticas significará diversificar as fontes de suprimento, reduzindo a dependência dos países que eram os fornecedores mais baratos no mundo de antes. O fortalecimento da cadeia de suprimentos para semicondutores exigirá grandes novos investimentos. O custo de desenvolver nossa capacidade de defesa será substancial.

Esses custos serão muito mais gerenciáveis se tivermos uma estratégia para reduzir nossas dependências e aumentar nossa segurança juntos.

O relatório recomenda o desenvolvimento de uma “política econômica externa” genuína da UE, coordenando acordos comerciais preferenciais e investimentos diretos com nações ricas em recursos, construindo estoques em áreas críticas selecionadas e criando parcerias industriais para garantir a cadeia de suprimentos de tecnologias-chave.

Também estabelece uma estratégia para aumentar a presença doméstica da Europa nos segmentos de chips mais avançados.

Essa “política econômica externa” deve refletir os valores europeus e conciliar nossos interesses de segurança com a solidariedade para com os países de média e baixa renda, ajudando-os a se desenvolver e descarbonizar como fazemos.

Para a defesa, a nossa principal fraqueza é a fragmentação excessiva da base industrial, agravada pela falta de coordenação entre os Estados-Membros, pela duplicação desnecessária e pela falta de interoperabilidade de equipamentos. No setor de defesa, o planejamento comum vem antes dos gastos comuns.

Os países da UE respondem, em conjunto, pelo segundo maior gasto militar do mundo, mas não ajudamos nossas indústrias de defesa e espaço a aumentar a escala. A aquisição colaborativa foi responsável por menos de um quinto dos gastos com aquisição de equipamentos de defesa em 2022. Quase quatro quintos do total de gastos com compras foram para fornecedores não pertencentes à UE.

O relatório recomenda, portanto, aumentar substancialmente a agregação da demanda entre grupos de Estados-Membros, bem como aumentar a participação da aquisição conjunta de defesa e dos gastos comuns de P&D.

No setor da defesa, esta consolidação das despesas deve ser acompanhada pela integração seletiva e consolidação da capacidade industrial da UE, com o objetivo explícito de aumentar a escala, a padronização e a interoperabilidade.

No entanto, ao mesmo tempo, uma escala mais alta não deve levar a uma menor concorrência. A Europa tem muitas PMEs altamente sofisticadas no setor de defesa que poderiam fazer uma contribuição excepcional para a nossa defesa comum.

Uma questão-chave que surgiu nos últimos dias é como financiar os enormes investimentos que a transformação da economia europeia implicará.

A Europa estabeleceu uma série de objetivos ambiciosos que foram apoiados pelas instituições da UE e pelos Estados-Membros.

Consagramos na legislação da UE o objetivo de alcançar a neutralidade de carbono até 2050. Comprometemo-nos a elevar o gasto público com inovação para 3% do PIB por ano. Os Estados-Membros que fazem parte da OTAN comprometeram-se a investir pelo menos 2% do PIB em defesa por ano. Nos últimos meses, este Parlamento e os líderes da UE

discutiram e concordaram com as necessidades urgentes, imediatas e de médio prazo de defesa para a Europa. E eles também estabeleceram metas para atualizar nossa infraestrutura digital como parte da Década Digital.

O relatório contém uma análise detalhada das necessidades específicas, elaborada pela equipe da Comissão, das necessidades de investimento para realizar esses objetivos. E eles chegam à conclusão de que EUR 750-800 bilhões em investimentos adicionais serão necessários a cada ano. A análise do Banco Central Europeu chega a números semelhantes.

Esses investimentos são vitais para realizar os objetivos do relatório. Mas deixe-me ser claro: não são novas necessidades de investimento que o relatório identificou. São os investimentos necessários para cumprir os objetivos já existentes da UE. Uma vez acordados esses objetivos, os valores decorreram deles.

No entanto, é um enorme volume de investimento. E calculamos que, para mobilizar investimentos nessa escala, a participação do investimento no PIB teria que subir para níveis não vistos na Europa desde as décadas de 1960 e 70. O esforço seria mais do que o dobro do Plano Marshall.

Então, devemos fazer a pergunta de como vamos financiá-lo.

Historicamente, o investimento na Europa foi financiado cerca de 80% de forma privada e 20% publicamente. Pedimos à equipe da Comissão e do Fundo Monetário Internacional que realizasse simulações para ver se poderíamos manter essa divisão para um impulso de investimento tão grande.

Os resultados mostram que, para financiar este volume de investimento, devemos avançar na União dos Mercados de Capitais, para que as poupanças privadas possam ser canalizadas para o investimento em toda a UE. Mas mesmo com a mobilização de financiamento privado, o apoio público ainda será necessário.

Duas conclusões importantes surgem.

Em primeiro lugar, se a UE seguir a estratégia descrita no relatório e a produtividade aumentar, os mercados de capitais serão mais responsivos ao fluxo de poupança privada, e será muito mais fácil para o setor público financiar sua participação. Um crescimento mais rápido da produtividade poderia reduzir os custos para os governos em um terço. Em segundo lugar, para aumentar a produtividade, algum investimento conjunto em projetos-chave - como pesquisa de ponta, redes elétricas e aquisições conjuntas para a defesa - será essencial, e esses projetos podem ser financiados por meio de dívida comum.

É natural que esses grandes números criem preocupações sobre o aumento dos níveis de dívida. Também é legítimo estar preocupado com a emissão de dívida comum. Mas é importante lembrar que essa dívida não se destina a gastos governamentais em geral nem a subsídios. É para realizar os objetivos que são críticos para nossa competitividade futura, e que — ênfase — todos nós já aprovamos.

Se alguém se opõe à construção de um verdadeiro Mercado Único, à integração do mercado de capitais, e se opõe à emissão de dívida, se opõe aos nossos objetivos da UE.

Este relatório saiu em um momento difícil para o nosso continente. Em muitas questões-chave, estamos divididos sobre o que fazer. Há descontentamento em grande parte da Europa sobre a direção em que estamos indo. E há um desconforto considerável sobre o futuro.

Meu papel, conforme estabelecido pela Comissão Europeia, é apresentar aos senhores um diagnóstico de onde a Europa está e oferecer recomendações sobre como seguir em frente. Mas cabe aos senhores, nossos representantes eleitos, transformar essa agenda em ações.

Só superaremos a divisão na Europa se a vontade de mudar receber amplo apoio democrático. As escolhas que enfrentamos são muito importantes para serem resolvidas por soluções tecnocráticas. Nossas instituições eleitas devem estar no centro do debate sobre o futuro da Europa - e sobre as ações que o moldarão.

Acredito que podemos encontrar consenso, nem que seja porque as alternativas parecem progressivamente mais sombrias.

Como observei há algum tempo, a Europa enfrenta uma escolha entre paralisia, saída ou integração. A saída foi tentada e não produziu os resultados que seus defensores esperavam. A paralisia está se tornando insustentável à medida que deslizamos em direção a maior ansiedade e insegurança.

Então, a integração é a nossa única esperança.

É importante que todos nós entendamos que o tamanho do desafio que enfrentamos excede em muito o tamanho de nossas economias nacionais. E estamos enfrentando um mundo onde corremos o risco de perder não apenas a paz, mas também a nossa liberdade.

Neste mundo, será somente através da unidade que seremos capazes de manter nossa força e defender nossos valores.

Obrigado.